

Um breve e tempestuoso inverno: o grito por ajuda na Obra de Mário de Sá-Carneiro

João Pedro Azenha / Francisca Braga / João Bessa Rodrigues
Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, E.P.E.

Referências



Mário de Sá-Carneiro nasceu em Lisboa, no dia 19 de maio de 1890. Cresceu numa família de classe alta, no seio de militares e desprovido de figuras femininas. A mãe de Sá-Carneiro morreu de febre tifóide quando poeta tinha apenas 2 anos. Viveu grande parte da sua vida em Paris com auxílio financeiro de seu pai e em 1915 fez parte da fundação da revista *Orpheu*. Ao longo dos anos, foram muitos aqueles que nos seus versos procuram encontrar confessionalismo, como se de uma autópsia psicológica se tratasse. Aqui se explanam alguns exemplos que o justificam.

Em 1911 escreve o poema ***A um suicida***, em memória de Tomás Cabreira, seu amigo de escola que se suicidara meses antes. Nele, adivinha-se uma apologia da morte feita pelo sujeito poético.

(...)
*Foste vencido? Não sei.
Morrer não é ser vencido.
Nem tão-pouco vencer.
Eu por mim, continuei
Espojado, adormecido,
A existir sem viver.
Foi triste, muito triste, amigo a tua sorte —
Mais triste do que a minha malaventurada.
... Mas tu inda alcançaste alguma coisa: a morte
E há tantos como eu que não alcançam nada...*

Nº ***O Recreio***, o baloiço surge como metáfora de instabilidade, e a «estopada» de mudar a «corda» deixa adivinhar um trágico fim. O sujeito poético prefere a morte enquanto criança do que viver a vida adulta.

*Na minha Alma há um balouço
Que está sempre a balouçar —
Balouço à beira dum poço,
Bem difícil de montar...
E um menino de bibe
Sobre ele sempre a brincar...*

*Se a corda se parte um dia
(E já vai estando esgarçada),
Era uma vez a folia:
Morre a criança afogada...*

*Cá por mim não mudo a corda,
Seria grande estopada...
Se o indez morre, deixá-lo...
Mais vale morrer de bibe
Que de casaca... Deixá-lo
Balouçar-se enquanto vive...*

*Mudar a corda era fácil...
Tal ideia nunca tive...*

No livro de poesias ***Dispersão*** (1914), Sá-Carneiro revela a procura pelo ideal inacessível, o mundo de sonhos a que almeja. O sujeito poético não se integra no mundo dos homens, vivendo assolado pelo tédio e “***a dor de ser-quase***”.

(...)
*E sinto que a minha morte —
Minha dispersão total —
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.
Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além me sumo.
(...)
E tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...*

Mário de Sá-Carneiro suicidou-se em 1916, aos 25 anos, no Hôtel de Nice, em Paris, com recurso a cinco frascos de arseniato de estricnina. Giorgio di Marchis referiu-se à obra do poeta como uma “**autobiografia em verso**”. Poderíamos também chamar-lhe a *crónica de um suicídio anunciado*. Apesar de curta, a sua vida foi de tal modo intensa que um dos seus intérpretes, M. Antunes, chegou a descrevê-la como “**um dia breve e tempestuoso de inverno**”.